

Sarney, José

P7

# O atual e o essencial

O GLOBO

15 AGO 1993

JOSÉ SARNEY

**A** unidade do Brasil é um milagre, num mundo em que a tendência é o desmembramento de grandes territórios. Uma tarde, presidente da República, pensando no futuro do país, disse ao general Bayma Denys, secretário do Conselho de Segurança Nacional, que o nosso grande problema no século XXI seria manter e gerenciar nossa unidade. Administrar o presente é obra do político, desvendar o futuro é a visão do homem de Estado. Não é ser profeta, mas ter a grandeza de esquecer os interesses do atual para ver os rumos do essencial. Ficar somente no presente e no passado é estar condenado a renunciar à vida. E os países, como os homens, vivem com uma diferença, a geografia é eterna.

Faço estas considerações pensando na Amazônia. Será difícil, com um mundo cada vez mais interdependente, a existência de grandes países. A URSS tinha, como instrumento de sua unidade, a ideologia. Quando esta desmoronou, desmoronou o país.

A China, com tantas nacionalidades e tantas línguas, também mantém sua unidade pela coesão de sua cultura, de sua História e, sem dúvida, pelo regime político, embora não sem problemas, com algumas marcas sérias de secessão. O Canadá, próximo de um desmembramento, aponta para fortes conflitos. Os Estados Unidos têm na prosperidade, na liderança mundial e pujança de sua economia a força inexpugnável de sua coesão. E o Brasil, o que vai manter sua coesão, se mergulharmos na perda da auto-estima, na decadência, no truncamento do seu destino, na frustração de seu povo, na sua miserabilização e enfraquecido, presa fácil dos interesses que se aglutinam num mundo sem valores?

O Estado-nação é a grande preocupação após a guerra fria. Diz o secretário de Estado Christopher, dos EUA, que é de se prever o nascimento de 50 novos países. A força dos nacionalismos manifesta-se agressivamente. Guerreia-se na Bósnia (sérvios, croatas, muçulmanos), na Armênia, no Azerbaijão. Ninguém aceita as fronteiras impostas pela Segunda Guerra Mundial. Todos desejam

retraçar no mapa as linhas de fronteira. É difícil pensar neste mundo que está aflorando, depois da guerra fria, sem uma tumultuada rearrumação de limites, fronteiras, Estados.

Na África, a Organização da Unidade Africana contesta a intangibilidade das fronteiras herdadas da era colonial. Não aceitam ficar num só Estado, nações antagonicas que reivindicam existência e territórios próprios. Daí as lutas de Chade, Sudão e Angola. No nosso continente as disputas não perderam fôlego. Estão latentes. Leia-se Peru e Equador, Bolívia e Chile, Suriname e Guiana, área de Ezequibo, Venezuela e Colômbia (Maracaibo). A História nos ensina que problema algum se resolve definitivamente. Há sempre um germe de ressurreição. Um gene de dinossauro dentro do fóssil de um mosquito... Com fronteira, lembremos sempre o barão do Rio Branco, não se brinca. A marcha do mundo dá-lhe razão.

No Brasil temos regionalismos, que também criam paixões avassaladoras, embora diferentes dos nacionalismos, já que aqueles são apenas uma relação população/geografia. Eles não devem ser desprezíveis, num país-continte como o nosso. Mas não é daí que nos vem a preocupação maior. Vem da necessidade de vigiar nossas fronteiras, principalmente as do Norte, 6.500 quilômetros, numa região desabitada, inóspita, desprotegida, aberta a todas as aventuras.

Dos portugueses herdamos o território. Eles iniciaram a epopéia da vigilância. Plantaram fortes no desconhecido, como os do Príncipe da Beira, Coimbra, Tabatinga, Uaupés, Rio Negro, Marabitanas, São Joaquim, e tantos outros. Procuraram demarcar as fronteiras das novas terras. Em 1750, já Gomes Freire de Andrade começava a tarefa. Em 1754, Mendonça Furtado embrenhava-se na selva e esperava por dois anos d. Iturriaga, enviado a Espelho, onde não chegou. Enquanto isso, reconhecia o Rio Negro, o Branco, o Solimões e o Madeira. O Império deu continuidade à obstinação portuguesa. A República não descuidou. Procurou demarcar e povoar.

Presidente da República, estabeleci diretrizes estratégicas visando a dar atenção à fronteira norte, de mo-

do a não termos problemas. Segui o conselho do barão do Rio Branco. Quando se fala dos conflitos étnicos e das soberanias limitadas, o Brasil não pode deixar de ficar alerta. Aqui não aceitamos estas e não temos aqueles. Só temos uma nação, a Nação brasileira, os ianomâmis, tucunas e maiogongs são brasileiros, e dos primeiros.

Assim, vejo a providência do presidente Itamar Franco, criando o Sistema de Vigilância da Amazônia, como a continuidade do zelo histórico deste país pela intangibilidade de nossas fronteiras. A extinção do Projeto Calha Norte, pelo Governo passado, foi, mais do que irresponsabilidade, quase um ato de traição nacional. O abandono da visão estratégica do Brasil em relação àquela área fez que tivéssemos os problemas que estamos tendo. Nossas relações privilegiadas com a Guiana e Suriname foram desprezadas e o vazio ocupado, com a conseqüente militarização da região. O Sistema de Vigilância da Amazônia do Brasil é necessário e já vem depois do sistema montado pelos Estados Unidos na região, conectado com radares que começam na América Central, passam pela Colômbia e Venezuela e, sem dúvida, já estão na Guiana e Suriname. Agora mesmo, na Colômbia, reclama-se que nem os colombianos têm acesso a eles. Está em Santo André (Colômbia) que se comunica com o de Baranquilha, este com os da América Central, numa rede que monitoriza tudo que acontece na Amazônia e em nossos países, diariamente.

Assim, se quisermos ter soberania sobre o nosso território, temos de vigiá-lo. Melhor seria que os Estados Unidos tivessem entregue a cada país a missão de cuidar do seu território. Evitaríamos tensões e desconfianças.

Como afirmava Jacques Ancel, citado por Meira Matos, um profundo conhecedor dos problemas de fronteiras, estas entram em grande perigo quando o país "vive a decadência, provocada pela desarmonia interna".

Portanto, nada melhor para nós do que cuidarmos da nossa coesão interna na defesa de nossa soberania. Porque, se assim não fizermos, as gerações do futuro nos amaldiçoarão.